

GILBERTO FREYRE: "A PROPÓSITO DE 'CHICO SANHAÇO'"

LIVRO DE MEU AVÔ, FREDERICO BUYS

DE JANEIRO — SÁBADO, 25 DE ABRIL DE 1942

A PROPÓSITO DE "CHICO SANHAÇO"

JÁ PROCUREI salientar, em prefácio para o notável ensaio sobre geografia de comunicações no Brasil, escrito pelo coronel Mario Travassos, o fato em que insisto agora: o Exército se apresenta, em nosso país com um grupo cada vez maior de oficiais que são, ao mesmo tempo, bons estudiosos da terra, da gente e da vida brasileira, disciplinados pela orientação e pelo método científico. Oficiais que sendo estritamente militares — e de modo nenhum bacharéis em letras ou doutores em matemática fantasiados de soldado — realizam, dentro das suas funções, pesquisas de campo de largo interesse social. Essas pesquisas vão-se incorporando à obra de indagação, esclarecimento e valorização da terra, do homem, e da cultura brasileira, hoje em amplo desenvolvimento num país até o outro dia bisantemente desinteressado das próprias realidades. Tanto que o Conselheiro Rui Barbosa, por exemplo, quase não conhecia na intimidade problema social brasileiro nenhum. O que o grande baiano sabia como raros dos seus contemporâneos era a língua portuguesa, de Portugal, a gramática latina, a filo-

gem que se apresentam aos sociólogos, aos antropologistas, aos geógrafos culturais, aos economistas e aos políticos voltados para o estudo do Brasil. Como tenho procurado destacar mais de uma vez, é dentro do relativismo e, ao mesmo tempo, do regionalismo sociológico, ou antes, da sociologia regional, que podemos estudar e esclarecer o que há em nós de extra-europeu.

O major Christiano Buys pergunta se "já possuímos uma visualização interpretativa da vida e das cousas nacional", "uma lógica brasileira, uma sistemática de conceitos profundamente nossa, a abrolhar do nosso psiquismo", "...atitudes características, originais e inconfundíveis?" E, ainda, se "somos nós no ato de compreendermos?". Mas suas palavras: "Nós somos nós, no ato de compreendermos, ou, em tal instante, em nós juxtaporamos mentalidades de empréstimo, julgando como os outros povos julgam, raciocinando como os outros povos raciocinam e pensando com as idéias de outros povos?"

Aqui me parece haver noção ou concepção exagerada do que seja a originalidade característica de

americana, a literatura francesa. O major Frederico Christiano Buys acaba de me oferecer o seu "Chico Sanhaço", trabalho em cujas páginas encontro expressão nitida da tendência que, sendo de uma geração inteira de intelectuais brasileiros, é, também, da nova elite do nosso Exército: a tendência para nos especializarmos no estudo do Brasil. É um trabalho impregnado do melhor dos brasileirismos: o que insiste na necessidade de nos conhecermos; na necessidade de "encontrarmos dentro do Brasil razões para viver"; na necessidade de não nos satisfazermos com o seco conhecimento lógico ou científico da nossa gente e das nossas coisas. Porque o major Buys é dos que pensam que precisamos dar vida a esse conhecimento, completando-o com o amor pelo objeto de estudo: aquele amor que Goethe não sabia separar do verdadeiro saber.

O general Goes Monteiro tem razão quando em carta-prefácio destaca que o autor de "Chico Sanhaço" "não se perde nos sonhos vãos da sociologia utópica". Com efeito, o método de procurar conhecer a gente brasileira, esboçado pelo major Buys, não é o dos que se limitam a seguir muçulmanamente os escritos de sociólogos europeus e de antropologistas norte-americanos: fórmulas e medidas que raramente correspondem às nossas desharmonias de crescimento, às nossas assimetrias de corpo e de cultura e às vitórias e imperfeições brasileiras de adaptação do homem e dos valores de origem européia à América tropical. E estes é que são os problemas, os mistérios, a matéria vir-

um povo que se preme de ser mais do que simples reflexo de outros povos. Não creio que essa originalidade precise de ir ao ponto de criar para si própria um *raciocínio*. A interpenetração de culturas tende a acentuar entre os povos modernos coincidências de julgamento, de pensamento e de raciocínio, sem prejuízo da relatividade psicológica, de atitudes e de valores e sociológica, de estilos de vida e também de valores de cada povo. Atitudes, estilos de vida e valores coloridos, no caso do Brasil, pelo nosso esforço de adaptação de tradições e importações da Europa ao meio tropical americano.

Quanto à "visualização interpretativa da vida e das cousas nacional" — desejada pelo major Buys e por todos que orientam seus esforços de pesquisa e valorização do nosso povo e da nossa terra no sentido de um brasileirismo criador — parece que já se esboça entre nós. Depois de José Bonifácio, de Gonçalves Dias e de Euclides da Cunha, já não podemos dizer que nos falta de todo a "visualização interpretativa da vida e das cousas" brasileira. Visualização não apenas científica — como a de vários naturalistas — nem simplesmente estética — como a de alguns poetas, pintores, romancistas e até pensadores — nem formalmente cívica ou convencionalmente patriótica, mas originalmente brasileira. O caso, nos nossos dias, da música poderosa do grande criador de valores brasileiros e interprete da nossa vida que é Villa-Lobos.

Gilberto Freyre

LETRAS

Correio da Manhã de 10/8/44.

Diversos livros

Em um livrinho, Chico Sanhaço, o major Frederico Christiano Buys discute em poucas linhas, condensadas e sugestivas, problema fundamental nosso — a organização social. Expressivo prefácio do general Goes Monteiro anima o autor e este, apresenta, seguro, as suas conclusões: "A vida é, e será sempre, razão e coração, quantidade e qualidade, em tudo é reduzível à análise. Com a lógica aristotélica, silogística, apreende-se o que passou e o que morreu. Com o coração e com a razão surpreende-se a vida, apreende-se a vida, que é presença, que é movimento, que é ação. O coração tem razões, com a razão tem as suas. A's vezes, as razões de um e de outra entram em antagonismo. As razões do coração devem predominar. O homem não é máquina de calcular. Em uma simples adição, talvez se possa dizer, impõe-se que o coração intervenha. A regra será fundirmos o Eu intelectual com o Eu afetivo, para obtermos da vida a decifração dos seus enigmas. As sínteses só se fecham se unificadas pelos sentimentos. Viver significa sintetizar." O major Buys coloca-se, assim, dentro de plena espiritualidade, na renovação moderna do pensamento.

dos esforços reuniu em folheto a que deu o título feliz de **O Evangelho em Ação Social**, com o que novo ensejo surge para esse senhor difundir os seus ensinamentos.

— Já o sr. Cruz d'Alva é um entusiasta de boas causas por outro processo. Serve-se da poesia e assim, através dos versos, ergue a sua voz contra a prepotência totalitária, exaltando os que lutam pela Democracia. E' o que faz com o seu livro **A Ilha da Esperança**, onde ocupa grão lugar a heróica Inglaterra.

— Também é um brado em prol dos oprimidos e veemente condenação dos totalitários o romance **Levanta-te e luta**, em que a escritora Sara Novak apresenta páginas emocionantes.

— Volumeto de ficção com elevada finalidade é, igualmente, **Aquelas muralhas cinzentas**, novela rápida em que o sr. Paulo Dantas se ocupa das condições psicológicas dos presidiários, traçando quadros sugestivos.

— Ainda no terreno da imaginação está o sr. Luiz Antonio Pimentel com a sua historietta **12 dias com Leviana**, narrada aos pedacinhos em aparentar de superficialidade.

— A outra esfera cultural pertence o livrinho **Função dinâmica das bibliotecas**, instrutivo estudo por meio do qual o sr. Pinto de Aguiar emite uma série de considerações interessantes, entremeadas de deta-

— Economista estudioso, o sr.